ALMIRANTE ANTÔNIO NOGUEIRA

Barbosa Lima Sobrinho

Não havia chegado efetivamente ao posto de almirante. Saíra da Marinha como capitão-de-mar-e-guerra, num tempo em que os altos postos parece que eram mais raros ou mais difíceis. A reforma é que lhe dera a promoção. Mas enquadrava-se tão bem na tradição de sua carreira, que todos nós, no JORNAL DO BRASIL de então, o chamávamos tão-somente Almirante. E como havia militado na política do Amazonas, todos os tínhamos como amazonense, quando era, na verdade, como a maioria dos amazonenses de sua época, nascido em Fortaleza, no Ceará.

Perdera-se a memória de sua fase militar. Sabia-se apenas que Antônio Nogueira havia sido aspirante a guarda-marinha antes do advento da República. Quando chegara a capitão-de-mar-e-guerra, decidira reformar-se, com a graduação de contra-almirante. Não sabíamos se em conseqüência de sua vida militar conhecera a Amazônia, ainda na fase dos preços altos da borracha. Deveria ter merecido as graças da situação política, que Augusto Montenegro chefiava. O certo é que exerceu cargos técnicos na capital do Amazonas, em começos do século e foi mesmo diretor de uma repartição de Terras e Colonização, na hora em que o número de imigrantes criava o desejo de dar uma orientação orgânica ao fluxo de povoadores que chegavam ao Extremo-Norte. Daí passou a uma cadeira de deputado federal, depois de haver exercido mandato de deputado estadual na Assembléia de Manaus, num tempo em que se desejava fazer da política, não uma improvisação da simpatia ou do compradio, mas uma espécie de carreira, em que a experiência dos negócios públicos ia sendo acumulada no exercício dos postos secundários.

Chegou assim Antônio Nogueira à Câmara Federal em 1906 e aí foi ficando, sobrevivendo ao período das "salvações militares" do Marechal Hermes da Fonseca integrando-se na situação política, que Pinheiro Machado comandava. Sentindo, no desempenho do mandato, a necessidade

de conhecimentos jurídicos (chegara a pertencer a uma comissão especial destinada à elaboração do Código Civil) ingressou na Faculdade Livre do Rio de Janeiro e conquistou o grau de bacharel em Direito. Mas a sua carreira política se aproximava de um eclipse, perdidos os esteios com que até então havia contado. Ainda animoso e cheio de vida, não se conformava porém com a inação, que é pior do que a aposentadoria. Dispunha de relações pessoaos e do vigor suficiente para uma nova iniciação. Ingressou no jornalismo, como redator do JORNAL DO BRASIL.

Eu o conhecí nessa fase, quando ele frequentava, com assiduidade, a roda de companheiros, que Aníbal Freire presidia, com a sua cordialidade e o seu absoluto senso de justiça, numa fase em que ainda pertenciam a esse grupo o velho João Ribeiro e o jovem Múcio Leão, e tantos outros companheiros, que a morte ou o tempo foram afastando de nosso convívio. Com mais de 50 anos, Antônio Nogueira tinha uma cabeleira totalmente branca, um ar prazenteiro e varonil, e um rosto cheio e corado, que ainda lhe davam uma nota de juventude. Mantinha, no jornal, uma seção fixa, que encimava com asteriscos e que todos nós, por isso, costumávamos chamar as "estrelinhas" do Almirante, tão merecidas e respeitadas, quanto as que distinguiam seu posto militar.

Às vezes, ele chegava com o trabalho feito em casa. Mas gostava de escrever mesmo na redação, na mesa que lhe fora destinada e na qual se sentia tão bem como todos nós, que ainda tínhamos os cabelos pretos. Na verdade, nunca se sentira diminuído com aquela iniciação, depois de haver exercido tantos cargos de relevo. Creio que o trabalho e a companhia lhe agradavam. Porque se sentia com as condições para fazer do encargo uma função efetiva e não um posto decorativo.

Foi assim conquistando experiência, habilidade, até mesmo brilho na sua nova posição. Tanto mais quando era realmente um homem de espírito moço. Com aquela distinção pessoal, que caracterizava a Marinha de seu tempo, feita não apenas de cordialidade como de apurada educação social e de um poder de comunicação, em que se sentia a eficácia de uma representação diplomática, que procurava fazer da Marinha de então um sím-

bolo de todo o Brasil. Antonio Nogueira e Gastão Penalva foram, para todos nós, que convivíamos com eles, os representantes dessa Marinha que todos respeitávamos.

Creio que Antonio Nogueira completaria agora o seu centenário de nascimento. Sinto que lhe não devia faltar, em nosso JORNAL DO BRASIL, a homenagem e a reverência que ainda fomos encontrar, com as limitações do tempo decorrido, no fundo de nossa saudade.

JORNAL DO BRASIL, 26 e 27 de abril de 1970.